

© 2020 Mônica Sampaio Machado e André Roberto Martin

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação Editorial

Isadora Travassos

Produção Editorial

João Saboya

Julia Roveri

Rodrigo Fontoura

Sofia Vaz

Valeska Torres

Conselho editorial

Hindenburg Francisco Pires (UERJ)

Lia Osório Machado (UFRJ)

Milton Lahuerta (UNESP)

Pedro Geiger (IBGE)

Ruy Moreira (UFF)

Wanderley Messias da Costa (USP)

As ideias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
TUXPED SERVIÇOS EDITORIAIS (SÃO PAULO, SP)

m149d

Machado, Mônica Sampaio (org.).

Dicionário dos geógrafos brasileiros: Volume 2 / Organizadores: Mônica Sampaio Machado e André Roberto Martin; Ilustrações de Gustavo Azevedo. – 1. ed. – Rio de Janeiro : 7Letras, 2020.

ISBN 978-85-421-0870-5

1. Dicionário. 2. Geografia. 3. Geografia Brasileira. 4. Vocábulo. I. Título. II. Assunto. III. Machado, Mônica Sampaio. IV. Martin, André Roberto.

CDD 918.103

CDU 913(81)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

2020

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá 580, sobreloja 320 – Ipanema

Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Sumário

Apresentação	7
<i>O Homem e a Geografia: Alberto Ribeiro Lamego Filho</i> por Cristina Pessanha Mary	9
<i>Aroldo de Azevedo e a Geografia da hegemonia paulista</i> por Mônica Sampaio Machado, Jorge Paulo Pereira dos Santos e Isabella Belmiro Araujo	21
<i>Geografia (re) tropical: paisagem tupinizada</i> <i>O Brasil pelos olhos de Aziz Ab'Sáber</i> por Núbia Vieira Cardoso	49
<i>Carlos Delgado de Carvalho e suas concepções da Geografia moderna</i> <i>no Brasil: das regiões naturais ao espaço das relações internacionais</i> por Eli Alves Penha	69
<i>Everardo Backheuser e o nascimento da Geopolítica brasileira</i> por André Roberto Martin	87
<i>Gilmar Mascarenhas: a biografia do dribble</i> por Julia Santos Cossermelli de Andrade	107
<i>O indivíduo, o lugar e o pensamento: João Baptista Ferreira de Mello</i> <i>e a sua inovadora Geografia humanística</i> por Melissa Anjos, Olga Maira Figueiredo e Ivo Venerotti	123

MARTINELLI, Flávia. O maior movimento feminino contra a ditadura veio de clube de mães da periferia. Disponível em: <<https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2019/03/30/maior-movimento-feminino-contra-ditadura-veio-de-clube-de-maes-da-periferia/>>.

MASCARENHAS, G. “Não vai ter arena?: Futebol e Direito à Cidade.” *Advir* (ASDUERJ), v. 32, p. 24-38, 2014.

MASCARENHAS, G. Rio 2016: la ciudad en movimiento. Istor: *Revista de Historia Internacional*, v. 17, p. 213-223, 2016.

MASCARENHAS, G. “The adoption of soccer in southern Brazil: the influences of international boundaries immigrants.” *Soccer & Society*, v. 15, p. 29-35, 2014.

MASCARENHAS, G. OLIVEIRA. “Leandro Dias A Baía de Guanabara não é um Tema Olímpico.” *Revista Continentes*, v. 10, p. 69-86, 2017.

MASCARENHAS, G. OLIVEIRA. “Leandro Dias de Olympic crisis, environmental crisis.” *Mercator* (Fortaleza. Online), v. 17, p. 1-15, 2018.

MASCARENHAS, G. “O turvo horizonte da sustentabilidade no urbanismo olímpico e o caso Rio 2016.” *Advir* (ASDUERJ), v. 35, p. 84-93, 2016.

MASCARENHAS, G. “A produção da cidade olímpica e os sinais da crise de um modelo globalitário.” *GEOUSP* (USP), v. 20, p. 52-68, 2016.

MASCARENHAS, G. “Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos.” *Caderno Virtual de Turismo* (UFRJ), v. 14, p. 52-65, 2014.

MASCARENHAS, G. “Modernidade e cidade-espetáculo: o alvorecer dos grandes eventos esportivos internacionais no Rio de Janeiro.” *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*, v. 13, p. 563-574, 2017.

MASCARENHAS, G. “Rio de Janeiro 2016: a cidade em movimento.” *Revista USP*, v. 108, p. 1-56, 2016.

MASCARENHAS, G. “Justiça Ambiental e produção do espaço nos Jogos Rio 2016: O paradoxo do Golfe Olímpico.” *Geo Uerj* (2007), v. 1.

MASCARENHAS, G. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, G. *Memorial*. Mimeo, 2018.

MASCARENHAS, G. BIENENSTEIN e SÁNCHEZ (orgs.) *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EduERJ, 2011.

PINHO, Bianca Lyrio Matheus Aguiar. “Práticas Sociais e Discurso Jornalístico na criação de um imaginário urbano”. Dissertação de mestrado defendido no PPGEO – UERJ. Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, Milton. *O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Tradução de Myrna Vianna. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

O indivíduo, o lugar e o pensamento: João Baptista Ferreira de Mello e a sua inovadora Geografia humanística¹

Melissa Anjos
Olga Maíra Figueiredo
Ivo Venerotti

Este artigo tem como objetivo apresentar a trajetória pessoal, acadêmica e profissional do geógrafo João Baptista Ferreira de Mello, um eterno apaixonado pelo Rio de Janeiro, onde vive e trabalha intensamente. A Olímpica e Maravilhosa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – apelido carinhoso criado pelo geógrafo para a cidade carioca, quando esta foi escolhida como sede dos Jogos Olímpicos 2016 – é mais que sua base de estudo, é sua referência de acolhimento, beleza e alegria. Seguindo a contribuição metodológica de João Baptista de Mello para a Geografia, este texto foi organizado em três tópicos que dialogam entre si harmoniosamente, como são os projetos desenvolvidos pelo geógrafo. Cada um deles recebeu como título uma epígrafe utilizada em diferentes momentos e trabalhos do autor. Assim, a primeira parte recorre às palavras da escritora Adélia Prado: “Deus nos fala nos mapas com sua voz geógrafa” e versa sobre os caminhos percorridos, seu encontro e amor pela geografia desde a infância. A segunda inspira-se em Yi-Fu Tuan: “A Geografia é o estudo da Terra como lar das pessoas” e conta um pouco sobre o humanismo em Geografia, suas referências e o estabelecimento de conceitos significativos para o professor. O último tópico, nomeado “Na simbiótica relação entre homem e ambiente, pessoas devem ser consideradas como lugares e lugares como pessoas” parafraseia

¹ Optamos por manter ao longo do texto o termo Geografia humanística por ser a expressão utilizada recorrentemente por João Baptista Ferreira de Mello.

Douglas Pockock. Este fecho/desfecho/inconcluso fala sobre o desdobramento da intrínseca relação entre lugar e pensamento, João Baptista e Rio de Janeiro: o projeto de extensão Roteiros Geográficos do Rio.

“DEUS NOS FALA NOS MAPAS COM SUA VOZ GEÓGRAFA”

João Baptista Ferreira de Mello nasceu na Santa Casa de Misericórdia na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em 8 de abril de 1949. Ariano católico devoto de Nossa Senhora da Salette, abençoado pelo padroeiro da cidade, Sebastião, e por Jorge, da Capadócia, mas também do Rio, é filho da empregada doméstica e mãe solo Neucides Ferreira Júnior (e Agnelo Vieira de Mello – pai ausente), ambos já falecidos. Ainda recém-nascido, foi morar com sua mãe de favor em um quarto em um cortiço no Catumbi, periferia da Área Central da cidade do Rio de Janeiro. Em suas palavras:

Sou filho de empregada doméstica, eu não sei se eu tenho uma história bonita [...] Eu tinha 8 dias de idade, minha mãe não tinha onde morar e foi procurar a irmã da ex-patroa num cortiço que era em vila. Aí sabe, cortiço tem 3, 4 quartos, um tanque e uma cozinha [...] Esse cortiço subia em vila do Catumbi para Santa Teresa [...] Minha mãe foi falar com ela e a portuguesa [vizinha] que morava no último quarto do cortiço tava ouvindo essa senhora destratando a minha mãe, e a portuguesa que nunca tinha visto a minha mãe disse assim: deixa essa senhora pra lá e vem morar com a gente. E passamos a ser 14 pessoas nesse quarto de cortiço [...] Morei em cortiços, morei no Morro do Querosene – entre o Catumbi e o Rio Comprido –, morei no Rio Comprido em um casarão onde minha mãe foi empregada doméstica. (MELLO, 2018)

Oriundo de escolas públicas, seu primeiro encontro com a Geografia aconteceu aos nove anos de idade, quando recebeu uma doação de livros de um colega que o via constantemente lendo sua Bíblia. Entre esse pequeno, porém rico acervo, um livro em especial chamou sua atenção e influenciaria toda sua vida pessoal e acadêmica: “Corografia do Brasil”, do geógrafo Mário da Veiga Cabral,² uma minuciosa descrição dos estados brasileiros. Ao mesmo tempo, João Baptista começou a desenvolver interesse e encanto pelos mapas que encontrava em seus caminhos: “Lembro que no centro do Rio de Janeiro era muito comum encontrar mapas expostos nos postos de

² O Prof. João Baptista não se lembra da edição dessa publicação. Por isso, referenciamos a edição publicada em 1957. CABRAL, Mário da Veiga. *Corografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957.

gasolina, nas agências de turismo e em outras unidades comerciais e de serviços” (MELLO, 1995, *mimeo*). A partir da leitura desse livro, João Baptista se apaixonou pela Geografia e começou a se destacar nas disciplinas humanas Geografia e História, bem como em língua portuguesa, literatura e redação ao longo de sua vida escolar.

IMAGEM 1 - JOÃO BAPTISTA AOS 3 ANOS (1952)



Fonte: Mello, João B.F. Acervo particular.

IMAGEM 2 - JOÃO BAPTISTA E SUA MÃE, NEUCIDES FERREIRA



Fonte: Mello, João B.F. Acervo particular.

Na adolescência, começou a trabalhar no Centro da cidade, na Avenida 13 de Maio como office boy, serviço no qual é necessário empreender um verdadeiro balé do lugar (SEAMON, 1980), um incessante movimento de ir e vir pelas ruas da cidade, tal qual um *flâneur*, o que acaba por gerar “uma forte noção de lugar, fruto da atividade humana regular e contínua” (PEREIRA, 2006, p. 18). Toda essa trajetória, esse movimento pendular, esse vai e vem, foi fazendo com que João Baptista trançasse uma relação com a Geografia muito rica, complexa e apaixonada. Sentimentos esses que permanecem até os dias de hoje.

Na rolança do tempo, parafraseando Mário Lago (2011), João Baptista, em 1974, iniciou seu curso de licenciatura em Geografia na Faculdade de Filosofia de Campo Grande (FEUC), concluindo-o em 1977. No ano seguinte, em 1978, tornou-se geógrafo no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão em que já trabalhava exercendo o cargo de secretário-datilógrafo desde 1974. Segundo João Baptista, foi uma experiência muito rica porque teve contato com os grandes baluartes da Geografia, tais como: Aluizio Capdeville Duarte, Roberto Lobato Corrêa, entre tantos outros, o que contribuiu sobremaneira com seu aprendizado sobre a arte da pesquisa na ciência geográfica. Ensinos esses que carregou consigo, desenvolveu em seus projetos de pesquisa e extensão, bem como os transmitiu aos seus orientandos de graduação e pós-graduação ao longo de sua bem-sucedida carreira acadêmica como professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1982, ingressou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) no curso de bacharelado em Geografia, por não ser mais permitido aos geógrafos do IBGE atuarem sem esse título. Na PUC, também reduto de distintos e importantes nomes da Geografia brasileira, foi aluno de João Rua, Edine Duarte, Carlos Walter Porto-Gonçalves e Aluizio Capdeville Duarte, seu orientador em sua monografia de final de curso intitulada “Uma Contribuição Geográfica para o Entendimento do Setor de Saúde nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e Recife”.³ No ano de 1985, frequentou o curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Geografia

³ A monografia do final do curso de bacharelado em Geografia foi defendida em 1983. Como João Baptista já tinha o curso de licenciatura, o bacharelado foi feito em menos tempo, porque foi uma complementação. Assim, ele começou em 1982 e terminou em 1983.

Urbana na FEUC, mesma faculdade onde fez sua licenciatura, tendo como docentes Roberto Lobato Corrêa, Olga Maria Buarque de Lima Fredrich, Susana Mara Miranda Pacheco, Maria Cristina Siqueira dos Santos, entre outros nomes.

Nestas circunstâncias, para além de ter sido aluno de importantes nomes da geografia brasileira em seu curso de Especialização, João Baptista iniciou um percurso que, tempos depois, o faria conhecido em todo o país como uma referência aos estudos de Geografia humanística com o trabalho “A Organização Espacial da Cidade do Rio de Janeiro vista pelos Compositores da Música Popular Brasileira”, apresentado também no VI Encontro Nacional de Geógrafos em Campo Grande-MT, em 1986. A partir de então, João Baptista começou uma trajetória de apresentações e participações em congressos nacionais e internacionais, antevendo o humanismo como caminho de pesquisa geográfica para o entendimento do homem e seu mundo vivido, o que seria consolidado nos anos seguintes com a sua dissertação de mestrado, tese de doutorado e diversos projetos de pesquisa e extensão, afora dezenas de orientações de graduação e pós-graduação.

No ano de 1987, João Baptista foi aprovado para o curso de Pós-Graduação *Strictu Sensu* nível mestrado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde começou a elaborar sua dissertação sobre os compositores da música popular brasileira sob orientação do professor Roberto Lobato Corrêa. No entanto, não foi a vertente humanística sua escolha inicial. Na verdade, João Baptista tentou diferentes caminhos de análise sem, contudo, conseguir desenvolver sua pesquisa visto que elas não o contemplavam, uma vez que os versos dos autores utilizados em seu estudo eram por demais abrangentes, ricos e dotados de especificidades que necessitavam de olhares subjetivos na interpretação.

Neste contexto, após tentar diversos métodos de pesquisa para elaborar sua dissertação, o professor João Baptista rompeu com o “economicismo e tecnicismo comuns aos estudos urbanos” (MELLO, 1995, *mimeo*) e chegou à Geografia humanística através das filosofias do significado buscando a compreensão e o entendimento da “consciência humana sobre os fenômenos do mundo vivido” (MELLO, 1995, *mimeo*). Após esse encontro com o humanismo que o transformou na mesma medida em que mudou suas convicções e posturas geográficas, sua dissertação intitulada “O Rio de Janeiro dos

Compositores da Música Popular Brasileira (1928-1989) – Uma Introdução à Geografia humanística”⁴ foi defendida no ano de 1991, tendo como banca os professores Lia Osório Machado e Maurício de Almeida Abreu, da UFRJ, e a antropóloga Jane Maria Pereira Souto de Oliveira, do IBGE.

A repercussão de sua defesa de mestrado foi intensa, acolhedora e impactante pois, após esse momento, João Baptista Ferreira de Mello virou referência nos estudos humanistas em Geografia no Brasil. Ao mesmo tempo, a dissertação foi incensada e mesmo abraçada pela comunidade externa à universidade, bem como divulgada na grande mídia justamente por seu caráter inovador, ou seja, por aproximar a academia da sociedade transmutando o discurso acadêmico em linguagem legível e acessível a todos. Neste diapasão, Mello recebeu inúmeros convites para palestrar em diferentes órgãos públicos e privados, tais como: O Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, colégios, faculdades e até em igrejas, surpreendendo a todos com essa outra visão da Geografia.

Embora seja um professor nato, João Baptista começou a lecionar somente em 1987, já no ensino superior nas Faculdades Integradas Simon-sen. No ano de 1990, foi professor do município e em 1991, do estado do Rio de Janeiro. Em 1993, ingressou como professor na FEUC, no programa de Pós-Graduação *Latu Sensu*, também nas Faculdades Integradas Moacyr Sreder Bastos e na Pós-Graduação da Universidade Veiga de Almeida. Dois anos depois, em 1995, atuou como professor substituto no Departamento de Geografia da UERJ, abrindo caminho para seu ingresso efetivo nesta Universidade, que aconteceria no segundo semestre do mesmo ano, quando se submeteu ao concurso público para professor adjunto. Logo em seguida à sua posse, foi convidado pela professora Zeny Rosendahl para integrar o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC),⁵ núcleo no qual permaneceu até o ano de 2010, quando se desligou para criar o próprio grupo intitulado NeghaRio – Núcleo de Estudos em Geografia humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro.

4 Referência da dissertação: MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira (1928/1991): uma introdução à Geografia humanística. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv24063.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

5 Para mais informações sobre o NEPEC, consulte <<https://www.nepec-uerj.com.br>>.

No ano de 1996, João Baptista começou seu curso de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), novamente sob orientação do professor Roberto Lobato Corrêa, defendendo sua pesquisa em 2000. A tese, intitulada “Dos Espaços de Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – o Universo da Estrela Marlene como Palco e Documento para a Construção de Conceitos Geográficos”, seja por conta do ineditismo de sua temática no Brasil, seja pela defesa do indivíduo nos espaços geográficos, foi questionada e mesmo receada. Em suas palavras:

todos me achavam louco, inclusive o orientador Roberto Lobato Corrêa. Para explicar como trabalhar o indivíduo na Geografia, eu fiz uma justificativa de 80 páginas, a tal ponto que na defesa o Ruy Moreira, que estava na Banca, argumentou porque a Marlene só aparecia na página 80. Eu fiz 80 páginas de justificativa como a Geografia poderia trabalhar o indivíduo. Só o Yi-Fu Tuan tinha trabalhado, mas em relação a si próprio no livro *Who am I?*⁶ (MELLO, 2018)

Diante do exposto e da importância da corrente humanística em Geografia na trajetória do professor João Baptista Ferreira de Mello, o artigo seguirá, nas próximas linhas, os caminhos dessa vertente e seus desdobramentos nas pesquisas e projetos desenvolvidos.

“A GEOGRAFIA É O ESTUDO DA TERRA COMO LAR DAS PESSOAS”

As próximas linhas se dedicam em expor a inovadora Geografia humanística do professor e pesquisador João Baptista Ferreira de Mello e seus conceitos através dos artigos publicados em periódicos, capítulos de livros e anais de eventos, bem como propagados em suas aulas, pesquisas e projetos.

Nos anos de 1960, grupos de geógrafos reagiram contra a tradição geográfica do positivismo lógico e neopositivismo, no qual seus modelos, leis e métodos quantitativos não produziam respostas eficientes para seus anseios e nem conseguiam explicar a complexidade do mundo. Dentro deste quadro emerge uma possibilidade alternativa de análise – a perspectiva humanística pautada nas filosofias dos significados, principalmente a fenomenologia e a hermenêutica.

6 Em sua fala, o prof. João Baptista faz referência ao livro do Yi-Fu Tuan publicado no ano de 1999. TUAN, Yi-Fu. *Who Am I? An Autobiography of emotion, mind and spirit*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1999.

Neste contexto, a Geografia humanística concebida no mundo anglo-saxão e na França representa uma resposta ao enfoque quantitativo em Geografia. Uma reação a uma Geografia científica dogmática em demasia, excessivamente abstrata e mecanicista. Ou como se refere o professor João Baptista Ferreira de Mello em seu artigo intitulado 'Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo', publicado na Revista Brasileira de Geografia em 1990, um contraponto a uma "Geografia sem homens" (1990, p. 92). Diante desse horizonte, o cerne da investigação humanística é a busca pela reflexão e decodificação das atividades e fenômenos geográficos, considerando o papel da consciência, da experiência humana, das intenções, sentimentos, valores, significados e símbolos. Nestas circunstâncias, existe uma mudança do foco de análise. Ou seja, procura-se ter como ponto de partida os indivíduos e grupos, como suas vidas e trajetórias organizam o espaço, imprimindo e refletindo suas marcas. O objeto ganha significância a partir dos sujeitos das ações, caracterizando-se em uma abordagem subjetiva. Este aporte geográfico, sensível à questão do mundo vivido pelas experiências dos indivíduos e/ou grupos sociais, enfatiza o estudo do ser que cria, vivendo e modificando o espaço, bem como os valores e significados que este lhe atribui. Deste modo, a geografia humanística, preocupada com o homem como ser pensante, tem por objetivo maior a compreensão e o esclarecimento dos sentimentos, ideais e entendimentos relacionados às geografias particulares e coletivas e como estas, após serem interpretadas, afetam a organização do espaço. Logo, novos discursos são acrescentados à ciência geográfica, revelando problemáticas inéditas.

Isto posto, a perspectiva humanística em Geografia se singulariza de duas maneiras. De uma parte, os estudos humanísticos ponderam a respeito do homem que sonha, crê, reflete, idealiza, cria, experiencia e vive no cotidiano. De outra parte, este enfoque exclui a divisão rígida entre os mundos objetivo (exterior) e subjetivo (interior), na proporção em que se entende o mundo como uma extensão de nossas consciências. Nesta medida, compreendemos que cada um percebe, constrói, representa, reflete e imagina o mundo, e este influencia a essência de cada um de nós. Ou seja, o mundo não existe fora da consciência. Minha consciência afeta o mundo e o mundo afeta a consciência que tenho dele. O mérito dessa corrente é abranger o ser

em sua totalidade – espaço, pensamentos, símbolos e ação –, o que torna impossível delinear de maneira clara o que é sujeito e o que é objeto. A este respeito, o professor João Baptista Ferreira de Mello nos diz que

não há separação entre o sujeito e o objeto. As coisas estão em mim entranhadas, a mim pertencem. Esta é a noção fenomenológica do mundo vivido. Os filósofos falam que não há separação sujeito-objeto e que o mundo vivido é um todo indissociável. Pessoas, amigos, conhecidos, turistas, base territorial, canções que minha mãe me ensinou compõem um todo que é conceituado como mundo vivido. Por isso, nessa perspectiva não há hipótese, não há certeza, não há razão, não há precisão. (MELLO, 2018)

Retornando ao papel central dos seres no mundo, tal Geografia clama o despertar das emoções, da sensibilidade, do engajamento crítico. Ao escapar da visão centrada na esfera dos fatos concretos, o caminho de sua interpretação é fixado na experiência do mundo vivido, na intencionalidade e ação dos sujeitos, na subjetividade e na intersubjetividade humana.

Dito isto, o espaço geográfico, vivenciado no cotidiano, está sujeito a uma valorização subjetiva na medida em que lhe é atribuído – pelos indivíduos – significados diversos que perpassam os campos dos sonhos, da imaginação, das ideias, das ideologias, da simbolização, das emoções, dos sentidos e das experiências individuais, enaltecendo-se a subconsciência humana.

Na confluência desses pareceres, a Geografia humanística tem como conceito-chave o lugar. Este se mescla com a própria natureza desta corrente do pensamento. Porém, antes devemos elucidar que o espaço geográfico “é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias” (TUAN, 1983, p. 39), sendo o lugar um espaço organizado. Deste modo, para Tuan (1983) e reforçado/aprofundado por Mello (1993, 2000, 2012), o espaço é comumente referenciado no humanismo como amplo, aberto, distante, desconhecido, escuro, sem significado e, em algumas ocasiões, ameaçador, temido e rejeitado, sendo a noção de espaço vinculada com a habilidade de se mover.

No entanto, João Baptista compreende que o conceito de lugar surge como uma complementariedade e antagonismo ao espaço. Ou seja, partindo da noção fenomenológica, o lugar é um centro de afetividade, bem-querência, segurança e conflito, bem como de ações e encontros que se desbravam no dia a dia. Representa o passado e o presente, a estabilidade e a realização. Nestes termos, segundo Mello (2012, p. 41), “espaço e lugar

– expressando, metafórica e respectivamente, as noções de penumbra e claridade –, corporificados a partir das experiências, ambiguidade e valores humanos, manifestam vários níveis distintos de especificidades”. Assim, temos na leitura do lugar um domínio de apreço, no qual o homem – foco da análise humanística – interage, superando a forma real ou forjando a mítica, bem como criando trajetórias, sentimentos, entendimentos e devaneios que constituem seu mundo vivido. No mesmo encaminhamento, o lugar será o espaço fechado, humanizado.

O artigo “A humanização da natureza – uma odisseia para a (re)conquista do paraíso”, publicado no livro *A Geografia e a Questão Ambiental em 1993*,⁷ desvenda como os sujeitos em busca de suas incessantes felicidades e da promoção da “boa vida”⁸ exploram a influência da natureza e transformam o espaço. Tal texto refere que o lugar (1993, p. 32),

recortado afetivamente, onde as pessoas se sentem seguras e à vontade, emerge nas experiências cotidianas, nos locais de moradia, trabalho, compras, lazer e encontros. [...] Por conseguinte, para esta escola do pensamento – surgida nos anos 70 e apoiada nas filosofias do significado – cada ser humano é um geógrafo informal, pois é o homem que cria, atua e vive no espaço, estando, portanto, capacitado para discorrer sobre o seu mundo vivido, pleno de mistérios, entendimentos, significados, devaneios, premências, rejeições, fantasias, satisfações e reminiscências.

A este respeito, notamos que o lugar não possui uma escala definida, limites precisamente demarcados e/ou temporalidade precedente. Como nossa experiência do tempo esvanece rapidamente, logo este é vivido como memória. Contudo, nossa experiência de lugar resiste ao tempo. Os lugares de nosso passado ganham permanência através de nossas recordações devido à imbricação entre identidade/memória/lugar. Isto é, os entes humanos não só se identificam com o lugar, como se sente a eles pertencendo, integrando-os e assim constituindo uma simbiose pessoa-lugar (MELLO, 1990, 1993, 2012).

7 Disponível em: <<https://neghario.files.wordpress.com/2011/10/mello-j-b-f-de-a-humaniza-c3a7c3a30-da-natureza-uma-odisc3a9ia-para-a-reconquista-do-parac3adso-in-silva-s-t-viana-o-m-org-Geografia-e-questc3a30-ambiental-rio-de.pdf>>.

8 Termo originalmente trabalhado pelo geógrafo chinês, radicado nos Estados Unidos, Yi-Fu Tuan. Trata-se do título do livro *The Good Life*, publicado em 1986.

Neste ponto do texto cabe esclarecer dois outros conceitos caros à Geografia humanística do professor João Baptista, quais sejam, lugar concebido e lugar mítico. Em diversas escalas, locais próximos ou distantes, mesmo não vividos pessoalmente, podem se tornar lugares concebidos e/ou míticos a partir de relatos, canções e narrativas. Tais lugares, dispostos além do espaço (distante, desconhecido, ignorado) seriam demarcados por fronteiras afetivas e/ou intelectuais. Como nos é esclarecido no capítulo nomeado “O triunfo do lugar sobre o espaço” do livro *Qual o espaço do lugar?* (2012), a distinção entre essas duas categorias é de difícil apreensão. O lugar concebido assoma (2012, p. 51)

como uma transposição do que fora captado, todavia, quando confrontado pessoalmente, pode não ser fiel à formulação legada, ao passo que o lugar mítico, disposto no topo da imaginação e do simbólico, é idealizado por intermédio da cultura, das filosofias religiosas, entre outros aspectos. O lugar mítico, situado em um dos níveis mais sofisticados do pensamento humano, diz respeito aos eldorados ou terras fantásticas, paradisíacas ou infernais, ou relativo aos projetos irrealizáveis, aos sonhos, ao inacessível ou cultivado como um éden a ser alcançado nesta ou em outra dimensão.

Diante desse contexto, os lugares são centros de significados, plenos de símbolos. Os mesmos afloram a partir de contatos diretos, não necessitando de mediações linguísticas, transmitidos por pessoas ou, em certas ocasiões, cultuados apenas nos sonhos (MELLO, 2000, 2010). Objetos tendem a se tornar um símbolo na medida em que sua própria natureza manifesta, de maneira clara e profunda, e propaga conhecimento de algo maior, transcendental (TUAN, 1983). Como referenciado por Mello (2008, 2010), o símbolo é mais do que um simples código, transcende os significados que são orientados pela cultura, sendo dependente da interpretação e do sentimento de cada ser humano. Nesse sentido, o caráter simbólico dos lugares apresenta nuances de aspectos do mundo vivido. Nas palavras de Mello (2003, p. 64),

os lugares são repletos de símbolos transitórios ou imorredouros. (...) A simbologia não está restrita aos centros de afetividade, despojamento ou experiência. Os espaços vastos, estranhos, desconhecidos e distantes, bem como os “deslugares” monótonos e repetitivos reúnem, igualmente, símbolos de grandezas variadas.

Desta maneira, Mello (2000, 2010, 2012) revela que lugares e símbolos adquirem profundo sentido, através de vínculos emocionais tecidos ao longo do tempo, presente em diversas escalas. Nesta abrangência, os símbolos são íntimos, públicos, compartilhados, forjados, investidos de querência e afeto, tornando-se parte do mundo vivido das pessoas.

Diante do exposto, observamos que a Geografia humanística de João Baptista Ferreira de Mello é fortemente inspirada pelas obras elaboradas por Yi-Fu Tuan, considerado pelo próprio seu mentor intelectual e maior expoente dessa vertente epistemológica. Não podemos deixar de mencionar a presença da fenomenologia pelo prisma de Alfred Schutz, além da noção de mundo vivido concebida por Anne Buttimer, ideias essenciais no pensamento desenvolvido por João Baptista.

Sendo um dos primeiros a estudar a Geografia humanística no Brasil, o professor João Baptista enfrentou desafios e trilhou caminhos para outros pesquisadores se enveredarem por essa perspectiva. De incipiente e localizada no Rio de Janeiro, o aporte humanístico, atualmente, é trabalhado por alguns centros espalhados pelo país. Além do próprio NeghaRio, existem, ainda, o GHUM – Grupo de Pesquisa Geografia humanista Cultural, da Universidade Federal Fluminense, o NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, alocado na Universidade Estadual de Campinas, o GHUAPo – Grupo de Pesquisa Geografia humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, o NPGEOH – Núcleo de Pesquisa em Geografia humanista, da Universidade Federal de Minas Gerais, o GhEnTE – Geografia humanista, Ensino-Teoria-Experiência estabelecido na Universidade Federal de Juiz de Fora, para citar alguns.

Diante de toda essa densidade teórica, segue nas próximas linhas o entrelaçamento com a prática a partir do engajamento extensionista de João Baptista em seus anos de docência na UERJ.

“NA SIMBIÓTICA RELAÇÃO ENTRE HOMEM E AMBIENTE,
PESSOAS DEVEM SER CONSIDERADAS COMO LUGARES
E LUGARES COMO PESSOAS”

Quem conhece o professor João Baptista sabe de sua paixão pela cidade do Rio de Janeiro. “Eu sou um apaixonado pelo Rio”, diz com frequência em

suas aulas, em entrevistas e nas constantes participações na mídia. Diríamos mais: na simbiótica relação entre pessoas e ambiente, Rio de Janeiro pode ser considerado João Baptista, e Baptista pode ser considerado Rio de Janeiro (pedindo licença a Douglas Pockock, 1981, em uma das citações preferidas do professor).

A relação de João com a cidade do Rio de Janeiro sempre foi atravessada por amor, zelo, cuidado, acolhimento, desvelo e conhecimento. Justamente por isso, a Cidade Maravilhosa sempre esteve presente nas suas pesquisas, projetos, artigos, conferências e caminhos. Mais que um acadêmico, um homem da ciência e da razão, João Baptista é um carioca profundamente apaixonado pela cidade e, por causa disso, tem todo um cuidado paterno em sua produção acadêmica, procurando apresentar a cidade como um oásis, um lugar afetivo, um lugar de memória, um paraíso na Terra. Isso não quer dizer, de modo algum, que João seja alienado quanto à situação caótica que vive a São Sebastião. Ao contrário, é justamente por viver todo esse caos e se entristecer com ele que João opta por evidenciar o caráter alegre, iluminado, afetuoso, malandro, sonoro e até mesmo “sacana” que tem o Rio. A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro é múltipla, é muitas, é diversas e, ao mesmo tempo, é única, é singular, é inusitada, é excepcional. Assim, aos olhos apaixonados de João Baptista Ferreira de Mello, o Rio bem poderia ser enquadrado nas categorias analíticas de lugar mítico ou lugar edênico. Categorias essas que ele mesmo cunhou nos idos de 2001.

No tocante ao lugar mítico, como supracitado, o ser humano, em toda a sua criatividade, constrói/imagina “lugares míticos, desbravados pela conjunção da consciência criativa e o fantástico imaginado por entre terras exuberantes ou eldorados” (MELLO, 2001, p. 92). Por seu turno, para entender o lugar edênico é necessário ir até as Escrituras Sagradas (1996). Isto posto, o Éden, ou Paraíso, é o lugar das delícias, da apazibilidade, da felicidade, onde há comunhão dos homens com a natureza. Neste lugar não existe a dor, a fome e o sofrimento (ANJOS, 2019). Na corrente humanística, a ideia de lugar edênico se pauta na união da terra prometida e paraíso, uma vez que todos os povos passam sua existência “construindo mentalmente ou transmitindo por meio das tradições oral, escrita ou religiosa o sentido e a perspectiva de se chegar ao éden, passagem noroeste, terra sem-mal ou como queira se denominar: ‘um mundo perfeito’” (MELLO, 2001, p. 93).

Sei que devem estar se perguntando qual a diferença entre essas duas categorias de lugares. A partir da concepção de Baptista, o lugar edênico se difere do lugar mítico por este abrigar a ideia de lugares infernais, lido como espaço e aquele, conter, apenas, lugares perfeitos, aprazíveis, onde o indivíduo tem sua rota de fuga dos problemas cotidianos. No entanto, como nos mostra Tuan (2006), no mundo contemporâneo os paraísos podem ser lidos, de acordo com a perspectiva individual ou dos grupos sociais, como os santuários ecológicos ou as cidades, como a São Sebastião de João Baptista Ferreira de Mello. Essa mesma cidade pela qual ele tem a honra e o prazer de circular sozinho, desbravando a pé vielas, ruas, becos, avenidas e os mais diversos logradouros da cidade. Ou caminhando acompanhado de residentes e turistas dos mais diferentes lugares, explorando cada recanto repleto de geografia, história, estórias, arte e memória através de seu projeto extensionista pioneiro, mas também conhecido como sua paixão e razão de ser, Roteiros Geográficos do Rio.

Os Roteiros Geográficos do Rio existem, como projeto extensionista, desde o ano de 2004. Antes desta data, contudo, o professor Baptista realizava roteiros, caminhadas, aulas abertas em espaços coletivos ou aulas-passeio. Baptista anunciou sua iniciativa como uma adaptação do trabalho de campo em Geografia em aulas abertas dedicadas a interessados.⁹ Estamos falando de um projeto de extensão por excelência, pautado em pesquisa e ensino, o que pode ser evidenciado pelos diversos projetos de pesquisa coordenados pelo professor (“O Rio dos Símbolos” e “Harmonias, Dissonâncias e Pulsares nos Tons da Alma Brasileira em Certos Versos e Eternas Canções”) e disciplinas ministradas em nível de graduação (Geografia da Cidade do Rio de Janeiro, Geografia Humanística, Geografia e Música, Estágio de Campo) e pós-graduação (Lugar e Simbolismo).

Devemos ressaltar, o Instituto de Geografia da UERJ é um lugar singular, onde sua abordagem não é questionada, sendo mesmo respeitada pelos seus pares. Temos, no IGEOG, as condições para que os grilhões do positivismo científico sejam rompidos, e muito disso se deve ao NEPEC, do qual fez parte e reconhece a importância em sua formação. Diante disso, João Baptista teve possibilidade para levar à frente, articulando pesquisa,

9 Para mais informações, consulte o site do Projeto Roteiros Geográficos do Rio: <<https://roteirosgeorio.wordpress.com>>.

seu conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro e seu repertório na área das produções artísticas e culturais, algo para além do tradicional trabalho de campo em Geografia, criando algo novo que se diferencia de outros circuitos que percorrem as mesmas áreas do projeto. Estes, inclusive, eram poucos quando de seu início, se consideramos o Centro Histórico do Rio de Janeiro e sua Área Central em geral. Mesmo assim, os que existiam possuíam (e ainda possuem) abordagem distinta, qual seja, a de guias de turismo, em formato pago, inclusive. Desde o anúncio do Rio de Janeiro como Cidade Olímpica, contudo, iniciativas gratuitas concernentes a itinerários no Centro do Rio de Janeiro pulularam, guardando suas diferenças para os Roteiros. Isto se deve ao fato de ser um projeto de extensão em Geografia humanística.

Diante das críticas direcionadas a este horizonte de que se trata de algo teórico em demasiado, sem desdobramentos práticos, João Baptista consegue aliar, de forma inovadora e excepcional, teoria e prática com os Roteiros Geográficos do Rio. Algo que ele passaria a reconhecer a partir 2014 no Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado na cidade de Vitória.¹⁰ No Espaço de Socialização de Coletivos “A Geografia humanista brasileira”, realizado pelo Grupo de Pesquisa Geografia humanista cultural e coordenado pelo professor Werther Holzer e pela professora Letícia Teixeira Pádua, Baptista narrou a sua trajetória: falou de seu percurso, de seu encontro com a Geografia desde a infância e de seus caminhos profissionais. Enfocou, também, filiações teórico-conceituais na Geografia humanística, temas, conceitos, projetos de pesquisa e disciplinas relacionadas a esse horizonte de pensamento. Quando mencionou os Roteiros, todavia, localizou-o separadamente, como se não tivesse relacionado à Geografia humanística.¹¹ “Ao lado disso tem os Roteiros Geográficos do Rio, que não é uma coisa da Geografia humanística, mas que contribui para eu poder trabalhar a Geografia humanística, e até ir a rua falar de lugares”. Mello foi interrompido por Holzer: “Os Roteiros são muito humanísticos” – para concordância da professora Pádua e dos demais presentes – “É o empírico colocado na prática. Pode assumir o humanístico”. O tom foi de que ele faz o que muitos

10 Como registrado em vídeo pela Letícia Pádua no ano de 2014.

11 As falas foram transcritas a partir do vídeo registrado por Letícia Pádua no CBG/2014 em Vitória.

gostariam de fazer: a interseção entre um modo de existir, logo de pesquisar, com desdobramento na prática.

Essa relação teoria e prática em Geografia humanística também foi abordada em entrevista concedida por João Baptista a Mônica Machado, em 2018. Em um dos momentos da entrevista, foi mencionado o seminário “Centenária Cidade Maravilhosa e o nosso Rio continua lindo”. Este evento, do qual tivemos o prazer de integrar a comissão organizadora, celebrou os 100 anos da famosa alcunha, inauguralmente presente na pena de Coelho Neto, em artigo de 1908. Assim, para este evento que ocorreu entre 26 e 29 de novembro de 2008, foram reunidos acadêmicos, cantores, escritores, artistas plásticos, bailarinos, musicistas, gestores públicos, representantes de movimentos sociais e esportistas. Enfim, nomes expressivos do mundo acadêmico, político e cultural que vivem, experimentam e pensam a cidade carioca. No encerramento foi realizado o “roteiro geográfico” na cidade, “(En)cantos e Trilhas da Centenária Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro”, coordenado e elaborado por João Baptista de Mello especialmente para a ocasião. Chama nossa atenção uma observação realizada na época pelo geógrafo Pedro Geiger, que participou do evento juntamente com sua esposa a artista plástica Anna Bella Geiger, sobre o trabalho de João Baptista. Segundo Geiger “se existe alguém que faz Geografia cultural de verdade é o João Baptista, justamente por se propor a trazer a cultura para a universidade, e não o contrário”. (MELLO, 2018)

Mesmo não se identificando com a Geografia cultural, João Baptista surpreende-se positivamente com o episódio e defende que esta forma de desenvolver suas pesquisas geográficas na realidade é a Geografia humanística:

Esta é uma proposta da Geografia humanística, exatamente trazer o fora para a universidade. Ela é diferente, não há hipóteses, não há leis, não há teorias prontas, acabadas. Então, nós temos de trazer realmente de fora, para a universidade, os elementos para a gente trabalhar. (MELLO, 2018)

Nesse compasso, Baptista defende a perspectiva dos indivíduos e grupos sociais para o entendimento da alma dos lugares. Seus gostos, quereres, saberes, variados pensamentos e ações na lida do dia a dia. Entende que cada um é um indivíduo capaz de discorrer sobre a Geografia em que atua e vive,

verdadeiros geógrafos informais (MELLO, 1991). Desta maneira, construindo um conhecimento na troca com tudo aquilo que ultrapassa os muros da universidade. João, ao longo de toda a sua carreira acadêmica – e ousamos dizer, ao longo de toda a sua vida –, sempre defendeu os saberes populares enquanto infinitas possibilidades de construção de conhecimento. Isto se reflete ao nos depararmos com os diversos eventos acadêmicos-científicos-culturais que coordenou, saídos diretamente de sua mente criativa. Como o professor aprecia dizer, citando Cosgrove, “a geografia está em toda parte” (COSGROVE, 2004, p. 93). Nesse sentido, João Baptista admite:

Os Roteiros Geográficos do Rio, que também têm uma perspectiva humanística, porque é algo humanista você sair pela cidade e ir traduzindo, decodificando, interpretando a cidade, mostrando a geografia, a arquitetura, a história e a política, o chão de nossos caminhos nesse Rio de Janeiro que eu tanto amo. (MELLO, 2018)

Finalmente, vale destacar, mesmo diante de tantas evidências, Baptista parece não estar ciente de sua aptidão e talento como professor-geógrafo no enlace entre teoria e prática. Tal fato pode ser evidenciado em sua fala na mesma entrevista mencionada anteriormente. Segundo João Baptista “há uma crítica de que esses geógrafos da Geografia humanística ficam muito na teoria e não vão para a prática, para a empiria, não conseguindo, igualmente, associar teoria e prática. Mas Tuan consegue”. Logo em seguida, a entrevistadora completa, “e você também!”. (MELLO, 2018)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Melissa. A Apropriação Turística-afetiva do Lugar. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; FERNANDES, Ulisses da Silva. (org.). *Geografia e Turismo: Reflexões interdisciplinares*. Curitiba: Appris, 2019, p. 135-147.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Ed. Alfabeta Brasil, 1996.
- CABRAL, Mário da Veiga. *Corografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.
- LAGO, Mário. *Na rolança do tempo*. 3ª ed. São Paulo: José Olympio, 2011.

LAGO, Mário. “Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo.” *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 52, p. 91-115, 1990.

LAGO, Mário. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira (1928/1991): uma introdução à Geografia humanística*. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

LAGO, Mário. “A humanização da natureza – uma odisseia para a (re)conquista do paraíso.” In: SILVA, Solange Tietzman (org.). *Geografia e Questão Ambiental*. Rio de Janeiro: IBGE, 1993, p. 31-40.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Memorial para concurso. 1995, *mimeo*.

MELLO, João Baptista Ferreira de. *Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos*. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MELLO, João Baptista Ferreira de. “Descortinando e (Re)pensando categorias espaciais com base na obra Yi-Fu Tuan.” In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, v. 1, p. 87-101.

MELLO, João Baptista Ferreira de. “Símbolos dos lugares, dos espaços e dos ‘deslugares.’” *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 64-72, 2003.

MELLO, João Baptista Ferreira de. “O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares.” In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Espaço e Cultura: Pluralidade Temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 173-186.

MELLO, João Baptista Ferreira de. “Simbólicas datas.” In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 261-276.

MELLO, João Baptista Ferreira de. “O triunfo do lugar sobre o espaço.” In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs.). *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectivas, 2012, p. 33-68.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Entrevista João Baptista Ferreira de Mello. [Entrevista concedida a] Mônica Sampaio Machado, 2018.

PEREIRA, Roberta Carvalho. *Comunicação e cultura popular – a trajetória dos lugares através do samba*. 2006. (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

POCOCK, Douglas. *Humanistic geography and literature: essays on the experience of place*. London: CroomHelm, 1981.

ROTEIROS GEOGRÁFICOS DO RIO. Sítio do projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://roteirosdorio.com/>>. Acessado em: 25 jul. 2020.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David (orgs.). *The human experience of space and place*. New York: St. Martins Press, 1980, p. 148-165.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *The Good Life*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

TUAN, Yi-Fu. *Who Am I? An Autobiography of emotion, mind and spirit*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1999.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do Medo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.